

O matrimônio do general Kurt von Hammerstein-Equord foi abençoado com sete filhos, quatro moças e três rapazes. Este relato trata dele e de sua família.

UM DIA DIFÍCIL

Como toda manhã, em 3 de fevereiro de 1933 o general deixou seus aposentos na ala leste do Bendlerblock pontualmente às sete horas. Não tinha que andar muito até o gabinete, que ficava no andar de baixo. Ali, naquela mesma noite, deveria sentar-se para conversar com um certo Adolf Hitler.

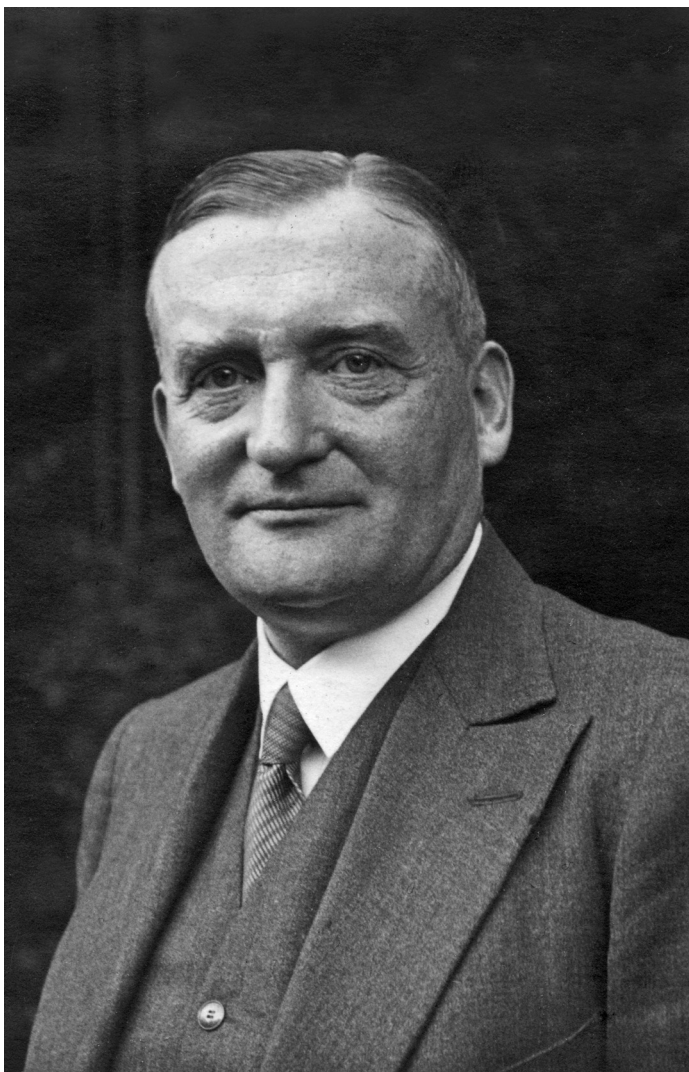
Quantas vezes já o encontrara? Deve tê-lo visto já no inverno de 1924/25 na casa do fabricante de pianos Edwin Bechstein, que ele conhecia havia muito. É o que diz seu filho Ludwig. Hitler não teria causado maior impressão em seu pai. Ele o descreveu então como um doidivanas, se bem que um doidivanas habilidoso. A sra. Helene Bechstein fora desde sempre uma grande admiradora de Hitler. Além

de financiá-lo durante seus anos em Munique — falava-se de empréstimos e joias —, ela o introduzira ao que julgava ser a boa sociedade. Dava grandes jantares para Hitler, para apresentá-lo a amigos influentes, e lhe ensinara como manejar os talheres à mesa, quando e como beijar a mão de uma senhora, como envergar um fraque.

Alguns anos mais tarde, em 1928 ou 1929, Hitler foi ter com o general na residência deste na Hardenbergstrasse, não muito longe da estação Zoologischer Garten, presumivelmente para sondar o que o Estado-Maior pensava a seu respeito. Franz von Hammerstein, que na época tinha sete ou oito anos, recorda como o pai recebeu a visita: “Sentaram-se na varanda e conversaram. A opinião do meu pai sobre aquele homem: ele fala demais, e de modo muito confuso. Deu-lhe de ombros. Mesmo assim, Hitler não desistiu dele e lhe enviou uma assinatura gratuita de uma revista nazista”.

O terceiro encontro aconteceu em 12 de setembro de 1931, na casa de um certo sr. Von Eberhardt, por insistência de Hitler, que a essa altura liderava o segundo partido mais forte da Alemanha. “Hammerstein disse por telefone a seu amigo [e então ministro da Defesa] Schleicher: ‘O figurão de Munique quer falar conosco’. Schleicher respondeu: ‘Infelizmente não posso’.” A reunião durou quatro horas. Na primeira, Hitler falou sem parar, até que Hammerstein fez uma observação; nas restantes, discutiram; e por fim Hammerstein — segundo esse sr. Von Eberhardt — teria declarado: “Queremos ir mais devagar. De resto, somos da mesma opinião”. Ele de fato fez tal declaração? Seria um indício das ambivalências profundas dessa época de crise, à qual nem mesmo as cabeças mais atiladas estavam imunes.

Depois dessa conversa, Schleicher teria perguntado a Von Eberhardt: “Que você acha desse Hitler?”. “Embora muito do que ele diz seja inaceitável, não há maneira de contornar um homem que tem o apoio das grandes massas.” “O que eu vou fazer com esse psicopata?”, teria respondido Schleicher, então major-general e um dos políticos mais influentes do país.



Kurt von Hammerstein, por volta de 1934

Menos de um ano depois, o “psicopata” dominava a Alemanha. Em 3 de fevereiro de 1933, reuniu-se pela primeira vez com a cúpula das Forças Armadas* para expor seus planos e, se possível, conquistá-la. O anfitrião da noite foi o general Kurt *Freiherr* von Hammerstein-Equord.

Na ocasião, tinha 54 anos de idade e parecia ter chegado ao ápice da carreira. Já em 1929, como major-general, fora nomeado chefe do departamento de tropas, termo sob o qual se camuflava o Estado-Maior das Forças Armadas — que, pelo Tratado de Versalhes, não podia existir. Um ano depois, fora promovido a general e a comandante do Exército, o cargo mais alto do Exército alemão. A decisão fora muito polêmica. Os partidos de direita rechaçavam-no com veemência; censuravam-no por não ser “patriota” o bastante. No Ministério da Defesa, era chamado “o general vermelho”, provavelmente por conhecer bem, por experiência própria, o Exército Vermelho. Ficara impressionado com a ligação estreita entre a tropa e as massas, em contraste com o completo isolamento político entre as Forças Armadas alemãs e as classes trabalhadoras. Ainda assim, era absurdo atacar Hammerstein como esquerdista, como fazia o *Völkischer Beobachter*; afinal de contas, ele era, por suas atitudes, um militar aristocrata da velha guarda. Numa reunião de comandantes em fevereiro de 1932, ele se expressou inequivocamente: “Nossas convicções nos levam à direita, mas precisamos saber com clareza quem são os responsáveis pela catástrofe política de agora. Estou falando dos líderes dos partidos de direita. São *eles* os culpados”.

Um ano mais tarde, embora pudesse contabilizar uma carreira de sucesso, Hammerstein estava fundamentalmente farto de seu cargo.

* Ao longo deste livro, “Forças Armadas” traduz *Reichswehr*, denominação anterior à *Wehrmacht* nazista; usada durante a República de Weimar, ela conserva, entretanto, a menção a “império” (*Reich*). (N. T.)

A CARREIRA EXEMPLAR DE UM CADETE

- 1888 Colégio militar de Plön
- 1893 Colégio militar central de Berlim-Lichterfelde
- 1898 Segundo-tenente no 3º Regimento da Guarda em Berlim
- 1905-07 Em Kassel
- 1907 Academia de Guerra em Berlim
- 1909 Primeiro-tenente
- 1911 Na seção de logística do Estado-Maior Geral
- 1913 Capitão no Estado-Maior
- 1913 Ajudante na Intendência-Geral
- 1914 Comandante de companhia em Flandres
- 1915 Primeiro oficial (operações) do Estado-Maior do VIII Corpo de Reserva
- 1916 No Estado-Maior Geral
- 1917 Major
- 1918 Primeiro oficial (operações) do Estado-Maior do Comando-Geral
- 1919 No Estado-Maior do Corpo Lüttwitz
- 1919 No Estado-Maior do I Comando de Grupo em Berlim
- 1920 Tenente-coronel
- 1920 Comandante do Estado-Maior do II Comando de Grupo em Kassel
- 1922 Comandante do 3º Batalhão do 12º Regimento de Infantaria em Magdeburg
- 1924 Comandante do Estado-Maior da 3ª Divisão em Berlim
- 1925 Coronel
- 1929 Major-general, comandante do Estado-Maior do I Comando em Berlim
- 1929 Tenente-general, comandante do departamento de tropas
- 1930 General de infantaria, comandante do Exército

Os barões Von Hammerstein são uma família muito ramificada que descende da velha nobreza da Vestfália e que, segundo o almanaque de Gotha, dividiu-se em duas linhagens e quatro ramos. Mil anos atrás, viviam na Renânia, onde ainda hoje, nas proximidades de Andernach, podem-se ver as ruínas de um castelo que leva seu nome; mais tarde, estiveram também em Hannover, na Áustria e em Mecklenburg. Encontram-se entre eles proprietários rurais, oficiais, conselheiros e guardas-florestais; as mulheres casavam-se à altura de sua condição ou terminavam a vida como freiras ou abadessas.

O pai do general vivia como guarda-florestal em Mecklenburg-Strelitz. Mandou o filho para o colégio militar, ainda que o jovem, segundo consta, preferisse virar advogado ou comerciante de café em Bremen. Como o pai tinha mais dois filhos, mas nenhum recurso, não havia como financiar outro tipo de estudo. Não bastasse isso, o jovem Hammerstein era ocasionalmente convocado a prestar serviços de pajem na corte imperial em Potsdam, coisa que lhe agradava tão pouco quanto o treinamento militar. Já nesses anos de formação conheceu o futuro chanceler Kurt von Schleicher. Aos vinte anos, os dois receberam a patente de oficial e seguiram como tenentes para o 3º Regimento da Guarda. A tropa gozava de muito prestígio; dela saíram vários generais e também, infelizmente, Paul von Hindenburg e seu filho Oscar.

Como preparação à Academia de Guerra, Hammerstein passou à Artilharia de Campanha em Karlsruhe. Viajou com todos os pertences em dois cestos de roupa, depois de leiloar o resto em seu antigo regimento. A decisão teria consequências de longo alcance para Hammerstein; pois em Karlsruhe, para onde se transferiu de caso pensado, ele reencontrou uma senhorita cujo pai, o barão Walther von Lüttwitz, era o comandante do Estado-Maior local.